

AVL p 2

JORNAL

17 JUL 1988

A velha toada

As reclamações azedas e cada vez mais freqüentes do presidente da República, bem assim de vários ministros, contra a Assembléia Nacional Constituinte e o projeto de Constituição, ali elaborado, não são fatos desprezíveis, considerado o quadro geral de crise em que se encontra o País.

Afinal, o presidente José Sarney conseguiu da Assembléia a aprovação do presidencialismo que lhe convinha e do mandato presidencial de cinco anos, de seu particular interesse. Dois bons motivos, portanto, para que o Governo poupasse os correligionários que tem na Constituinte, aos quais, é claro, também se deve a aprovação da maioria dos dispositivos inscritos no projeto da nova Carta.

Pois, apesar de tudo, repete-se a orquestração das críticas à Assembléia, sob a batuta do próprio presidente, a comandar seus soldados musicais, como se dizia da orquestra do velho maestro Napoleão Tavares, nos bons tempos da Rádio Nacional.

De repente, a Constituinte voltou a ser acusada, insistentemente, de tornar o Brasil ingovernável, por haver incluído na Constituição princípios que

o Governo considera ruinosos para o Brasil.

Alguém se recorda, por acaso, de qualquer mediação do Governo junto aos constituintes governistas, para conseguir o que quer que fosse da Assembléia, além do presidencialismo e do mandato de cinco anos?

A resposta, evidentemente, é negativa. Por isso, o mínimo que se pode afirmar, hoje, é que o presidente Sarney deixou passar a ocasião certa de agir, para que seus amigos na Constituinte não se deixassem levar pelas pregações sociais dos adversários do Governo. Aliás, em face do mote político do presidente — “Tudo pelo social” — e ante a omissão do chefe do Governo, quando a aprovação dos avanços sociais a Assembléia, é perfeitamente compreensível a conduta dos parlamentares situacionistas. É bom lembrar que até o deputado Roberto Cardoso Alves, do PMDB paulista, um dos mais aguerridos soldados não-musicais do Governo, votou a favor do tabelamento dos juros bancários e ninguém, nem mesmo o presidente Sarney, fez qualquer reparo a esse voto, na ocasião.

O certo é que o presidente da República, inesperadamente, volta a bater forte na As-

sembléia, no instante em que a inquietação social recrudescer, a inflação dispara, as greves pipocam em todo o País e o suspense da novela da dívida externa continua monótono e sem nenhuma novidade. De bom mesmo, só parece haver a notícia da descoberta de petróleo na plataforma submarina, entre o Paraná e Santa Catarina, por obra e graça do Governo.

Se a música monocórdica dos ataques à Constituinte pegar, a Assembléia será um excelente bode expiatório para o que acontecer de mau no Brasil, após a promulgação da nova Carta, ou mesmo antes disso, caso a crise brasileira se agrave. Nos velhos tempos de Napoleão Tavares e seus soldados musicais, esse tipo de música pegou, como sempre costumava pegar nos momentos críticos, quando tem por alvo o poder desarmado.

Ao contestar, com rara dureza, os comentários de Sarney sobre a Constituinte, o deputado Ulysses Guimarães, presidente da Assembléia, talvez tenha notado, nos acordes da música do atual chefe do Governo, alguma semelhança com a que se tocou no País em 1937, 1964 e 1968, e acabou com o baile da democracia.